

“RECORTE”

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

CAPITAL (A)

Lisboa

20. JUL. 1983

Informação Vilacondense
Vila do Conde

CORREIO de AZEMEIS

19-2.º E.

odex

ORGANIZAÇÃO ACUSA CÂMARA DE ALMADA

NO QUARTO DIA
DE FESTIVAL

FALTA DE EQUIPAMENTO MÍNIMO AMEAÇA CONTINUAÇÃO DE «ALTERNATIVA 3»

O Festival Internacional de Arte Viva — Alternativa 3, que está a decorrer desde o dia 15, em Almada, esteve em risco de ficar suspenso ao fim do quarto dia. A decisão chegou a ser tomada pela organização e pela maioria dos artistas, que não esconderam a sua indignação pelo facto de a Câmara Municipal de Almada não ter cumprido o compromisso de fornecer os materiais e equipamentos considerados «minimamente indispensáveis» para a realização do festival.

«Apesar de tudo ter ficado combinado por escrito e reconfirmado entre a organização e a Câmara, à última da hora encontrá-me a braços com uma série de dificuldades, nomeadamente com a falta da aparelhagem sonora, sem electricistas e sem a indispensável instalação eléctrica», afirmou-nos Egidio Alvaro, o faz-tudo da organização da Alternativa 3.

Para além destes e outros factores essenciais de ordem técnica, as condições em que se encontram alojados os artistas são consideradas deploráveis.

«Críticas injustas»

Por seu lado, o vereador do pelouro da Cultura, dr. Eduardo Costa, classificou de «incorrectas e injustas» as críticas publicamente apontadas pela organização à edilidade de Almada.

«Há um aproveitamento da si-

tução. A organização sabia das condições em que iria trabalhar. As coisas têm a dimensão que têm. A única falha da Câmara tem a ver com a falta da aparelhagem de som, que não foi fornecida a tempo por se encontrar avariada», afirmou-nos o vereador Eduardo Costa.

«Performances» canceladas

O mesmo não entende Egidio Alvaro, para quem a Câmara de Almada «falhou com os mínimos», pondo em causa a continuação do festival no termo do quarto dia, em que chegaram a ser canceladas algumas «performances» a realizar por artistas estrangeiros.

Quanto ao argumento da avaria da aparelhagem sonora, aquele elemento da organização da Alternativa 3 estranha que, estando o festival programado há um ano, apenas tenham vindo di-



Egidio Alvaro, o «faz-tudo» da organização do Festival Internacional de Arte Viva: «Tive de ser eu a andar atrás dos colchões, dos lençóis e dos cobertores e ainda por cima só consegui 40 para 80 pessoas»

zer às 6 horas da tarde do quarto dia e após várias insistências que o material precisava de ser reparado.

«Nós não pedimos muito — disse Egidio Alvaro. Só queríamos a vulgar aparelhagem de feira, já que muitas actividades

deste Festival Internacional de Arte Viva são impossíveis de realizar sem amplificação sonora.»

Mas há também o problema da iluminação. Uma das artistas francesas convidada para a Alternativa 3 não escondia, anteontem à noite, a sua frustração por ter participado numa sessão de dança experimental realizada «quase às escuras», o que prejudicou seriamente o espectáculo.

«Não se percorrem dois mil quilómetros para chegar aqui e não ter o mínimo de condições para realizar o nosso trabalho», manifestava, com indignação, um outro artista estrangeiro, dirigindo-se ao público que anteontem à noite se concentrava junto à Oficina de Cultura da Câmara de Almada com a intenção de ver as «performances» que não chegaram a realizar-se por falta de condições mínimas de iluminação e de som.

Alojamento precário

Quanto ao alojamento colectivo dos artistas as condições são consideradas «muito precárias», em que nem sequer existem cortinados para impedir que o sol nascente «beije» a face dos artistas. A Câmara afirma que a organização do Festival sabia perfeitamente o que os esperava.

«Quando o projecto foi apresentado — afirmou o vereador do pelouro da Cultura — os organizadores foram devidamente informados das condições em que es-

távamos a funcionar. Nós nunca escamoteámos as dificuldades e eles aceitaram-nas.»

Segundo manifestaram publicamente vários artistas estrangeiros, não é esse o problema que os afecta, ainda que vários artistas por nós contactados tenham dito que «as condições são vergonhosas», o importante para eles é resolver os problemas básicos para que o Festival possa continuar.

40 lençóis para 80 pessoas

Ainda sobre esta questão, Egidio Alvaro reconheceu que «tinha, de facto, conhecimento da precariedade do alojamento», até porque Almada, neste aspecto, é muito carenciada.

Todavia, segundo acrescentou, é inconcebível que, mesmo à última hora, tivesse de ser ele a «andar atrás dos colchões, e ainda por cima em número manifestamente insuficiente, pois só forneceram quarenta cobertores e lençóis para oitenta pessoas».

Participam no Festival Internacional de Arte Viva — Alternativa 3, de Almada, mais de oitenta artistas oriundos de quinze países.

O festival, que teve início no dia 15 e deverá prolongar-se até ao próximo dia 25, inclui espectáculos de dança, poesia, «performances», vídeo, exposições de escultura, pintura, desenho e gravura. A entrada é gratuita.

Cidade «à escuta»

Ao contrário dos problemas de frontados este ano, relativamente aos dois festivais anteriores, a organização afirma que encontrou em Almada «uma cidade à escuta», desde os dirigentes eleitos à população mais jovem, uma cidade sem preconceitos nem pré-juízos, pronta a analisar as mais arrojadas proposições e a reservar-lhes o acolhimento que o seu valor e importância exigem.

Precisamente por isso, e embora muitos dos participantes na Alternativa 3 interpretem a atitude da Câmara de não ter fornecido a tempo os meios indispensáveis como um boicote ao festival, Egidio Alvaro considera que se trata apenas de uma certa «incapacidade das pessoas para se aperceberem da dimensão do que está a acontecer com este festival em Almada».